01

“Os Cachinhos de Aduke”: dramaturgia infantil e representatividade negra

“Aduke's Curls”: Children's Dramaturgy and Black Representation

Raquel Maria Alves
IFSULDEMINAS
raquelaalves12@gmail.com | ORCID

Recebido em: 04/2024
Aprovado em: 06/2025

DOI: http://dx.doi.org/10.5965/1984317822120 26e0077
eLocation-id: e0077

Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.*

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software* | *iThenticate*

Resumo

Considerando as contribuições que a Literatura e o Teatro oferecem à Educação no combate ao racismo estrutural e à formas estereotipadas e preconceituosas com que pessoas negras são apresentadas em diversas produções ao longo dos anos, buscou-se, no presente trabalho dialogar com a atriz, performer, artista visual e dramaturga Lucimélia Romão, cuja pesquisa abrange Teatro Negro, Performance Arte, Instalação e Arte Têxtil. A entrevista foi realizada no formato online no dia 19 de abril de 2024 e deu destaque à primeira dramaturgia escrita por Romão, intitulada Os Cachinhos de Aduke, que, além de evidenciar um aspecto muito importante nas identidades negras, promove reflexões sobre respeito, autoestima e ancestralidade. Por meio dessa obra, observamos como as vivências da autora, enquanto mulher negra e artista no Brasil, a estimularam a escrever a dramaturgia, alinhando-se a apontamentos de pesquisadores e autores da literatura infantil que defendem a importância da representatividade e da apresentação da negritude enquanto potência.

Palavras-chaves: Representatividade; teatro infantil; arte; racismo estrutural; educação.

Abstract

Considering the contributions that Literature and Theater offer to Education in the fight against structural racism and the stereotypical and prejudiced ways in which black people are presented in various productions over the years, this work sought to dialogue with the actress, performer, visual artist and playwright Lucimélia Romão, whose research covers Black Theater, Performance Art, Installation and Textile Art. The interview conducted online on April 19, 2024 and highlighted the first drama written by Romão, entitled Os Cachinhos de Aduke, which, in addition to highlighting a very important aspect of black identities, promotes reflections on respect, self-esteem and ancestry. Through this work, we observe how the author's experiences, as a black woman and artist in Brazil, encouraged her to write the dramaturgy, in line with notes from researchers and authors of children's literature who defend the importance of representation and the presentation of blackness as a power.

Keywords: Representation; children's theater; art; structural racism; education.

1. APRESENTAÇÃO

Lucimélia Romão é técnica em Teatro pela Escola Municipal de Artes Maestro Fêgo Camargo, de Taubaté, São Paulo (2013); graduada em Teatro pela Universidade Federal de São João del Rei, Minas Gerais (2022); especialista em Artes pela Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul (2023); e, atualmente, cursa Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Possui experiência em arte de rua e dança contemporânea, além de desenvolver pesquisas em Teatro Negro, Performance Arte, Instalação e Arte Têxtil. Em seu catálogo, reúne trabalhos de perspectiva político-social que denunciam a violência estatal contra a população negra, a violência de gênero, o feminicídio e outras questões que atravessam a sociedade brasileira, como a fome.

Um de seus trabalhos recentes é a dramaturgia Os Cachinhos de Aduke, que apresenta as aventuras de uma menina negra de cabelos crespos no fundo do mar, onde ela encontra inúmeros personagens — estrelas-do-mar, sereias, tubarões, cavalos-marinho — com seus black powers dançando ao som de soul music. A obra, além de destacar um aspecto muito importante nas identidades negras — o cabelo —, promove reflexões sobre respeito, autoestima e ancestralidade (ao trazer, por exemplo, nomes africanos), entre outros temas. Trata-se, portanto, de mais um instrumento fundamental na apresentação de referências negras para todas as crianças, contribuindo, como afirma o rapper, cantor, compositor e escritor Emicida, para “conectar as crianças com a negritude enquanto potência, não enquanto tragédia”.

A entrevista foi realizada no mês de abril de 2024 e busca apresentar aproximações entre a arte e a educação, além de ressaltar a importância do combate ao racismo e das formas estereotipadas e preconceituosas com que pessoas negras são apresentadas em diversas produções ao longo dos anos

2. ENTREVISTA

1) **Pergunta:** Olhando para alguns dos seus trabalhos anteriores, que são instrumentos de denúncia sobre a mortandade da população negra brasileira — através da violência policial, da violência de gênero, fome, entre outros —, percebemos que a dramaturgia Os Cachinhos de Aduke é o seu primeiro trabalho diretamente direcionado ao público infantil. O que te motivou a escrever esse trabalho?

Resposta: O que me motivou a escrever Os Cachinhos de Aduke foi justamente a recepção de pessoas pretas ao meu trabalho anterior, MIL LITROS DE PRETO: A Maré Está Cheia, no qual denuncio o genocídio da população preta, pobre e/ou periférica pelo Estado Brasileiro

Democrático de Direito. Nessa performance-instalação, eu encho uma piscina de 1.000 litros com o sangue (água com corante vermelho) da população negra.

Quando eu criei o MIL LITROS, tracei diversas estratégias: primeiro que fosse um trabalho capaz de me tirar da situação de vulnerabilidade em que eu vivia como artista de rua; segundo, que ele tivesse como temática central o genocídio da população preta; terceiro, que ele apresentasse dados que dificultassem a continuidade da negação da violência estatal contra corpos negros; e, por fim, que fosse uma obra muito bem elaborada, que não pudesse ser diminuída enquanto arte contemporânea pois eu sabia que, por se tratar de racismo estrutural, isso poderia acontecer.

No entanto, algo que eu não consegui prever foi o quanto esse trabalho faria tantas pessoas negras sofrerem e chorarem. Diante disso, passei a buscar, dentro de mim, uma forma de me redimir por meio da criação de algo positivo para as artes negras, algo que pudesse contribuir para que as crianças de hoje não cheguem à fase adulta tão chateadas com o Brasil quanto eu cheguei. Assim nasceu essa dramaturgia.

2) **Pergunta:** A obra Os Cachinhos de Aduke nos apresenta personagens animais — como os tubarões e sereias com seus black power, estrela-do-mar, cavalo-marinho —, indo ao encontro da necessidade e da importância de apresentar às crianças outras possibilidades de imaginário, como aponta a educadora Vitalina Silva (2023). De onde surgiu essa ideia de apresentar personagens dessa forma e qual a importância dessa escolha?

Resposta: Eu queria criar um mundo que eu não tive, cheio de referências negras positivas, para que uma criança de pele escura (como eu fui), pudesse se reconhecer. A ideia era que tanto as meninas quanto os meninos se vissem em cena, porque, quando falamos de cabelos crespos, geralmente pensamos apenas nas meninas e esquecemos que os meninos, muitas vezes, crescem sem saber qual é a textura de seus cabelos.

Hoje, já adulta, percebo que a luta contra o racismo precisa também passar pela subjetividade. As leis são muito importantes, mas só elas não conseguem combater o racismo estrutural; por isso, precisamos disputar também a subjetividade. Os Cachinhos de Aduke, ao colocar black power em todos os personagens, faz justamente isso.

3) **Pergunta**: Então, essa disputa pela subjetividade foi o que te motivou a colocar a questão do cabelo como elemento central da história?

Resposta: Não sei ao certo. Quando pensei em escrever uma dramaturgia infantil me veio uma necessidade de falar sobre os cabelos. Talvez isso tenha relação com a performance

Bombril da artista Priscila Rezende, que assisti trechos disponíveis online em 2014. Gosto muito desse trabalho e me reconheço na situação apresentada. Em cena, a atriz esfrega panelas com o próprio cabelo crespo, fazendo referência a um xingamento muito comum dirigido a crianças negras. Então, trazer essa questão como foco do trabalho foi algo muito importante para mim.

Demorei muitos anos para aprender a cuidar dos meus cabelos; quando criança, eu costumava colocar camisetas ou toalhas na cabeça para imitar cabelos lisos. Por isso, criar uma peça que coloque os cabelos crespos como pauta central é também uma forma de desejar que as crianças se aceitem mais como elas são.

4) **Pergunta**: Indo na contramão de muitas histórias infantis, em Os Cachinhos de Aduke, apesar da existência de uma problemática que as personagens buscam solucionar, não há vilões. Por quê?

Resposta: Porque eu acredito que a sociedade é muito dualista. Pessoas pretas já são lidas como vilãs em diversas esferas sociais, e eu não queria reforçar isso. Por isso, busquei apresentar uma solução para a problemática da história de modo que ambas as partes envolvidas tivessem um “final feliz”.

5) **Pergunta:** E quanto aos nomes das personagens — Aduke, Nzinga, Beluga, Candace —, por que os escolheu?

Resposta: A peça possui muitos nomes africanos, como Aduke, Nzinga e Candace (que, na verdade, é um título), e eu os incluí porque queria trazer um pouco da cultura africana para o texto, valorizando uma herança extremamente rica e, ao mesmo tempo, desvalorizada no Ocidente. Já Beluga é um animal marítimo, então a escolha desse nome tinha o objetivo de ambientar e situar que a peça acontecia no fundo do mar.

Estudei bastante para construir esse texto, tanto sobre a cultura africana quanto sobre o ambiente marinho. Assisti a triologia“Kiriku E A Feiticeira, Kiriku Os Animais Selvagens e Kiriku Os Homens E As Mulheres. Li também espetáculos infantis como Quando Eu Morrer Vou Contar Tudo A Deus de Maria Shu e o Buraquinhos ou O Vento É Inimigo do Picumã de Jhonny Salaberg entre outros materiais afro- referenciados.

6) **Pergunta:** Qual a importância de trazer, para o Teatro Infantil, as questões apresentadas na história?

Resposta: A arte negra tem uma dimensão sociopolítica e também a necessidade de educar

e acolher. Por isso, é de extrema importância começarmos a trabalhar a autoestima das crianças negras.

Em Os Cachinhos de Aduke busco apresentar de maneira positiva e divertida os cabelos crespos — uma das características das crianças negras que mais sofrem ataques. Ao colocar essa característica em evidência, fortaleço e empodero essas crianças. Com a diversidade de cachos apresentada no espetáculo, sendo elogiados o tempo todo, é possível que as crianças pretas se identificarem e se sintam valorizadas por meio da peça.

7) **Pergunta:** Durante sua formação em Teatro houve atividades e/ou disciplinas específicas voltados para o público infantil? Em caso afirmativo, elas contribuíram para a escrita da dramaturgia?

Resposta: Sim. Durante os três anos em que fiz curso técnico, realizei estágio na prefeitura de Taubaté, onde eu trabalhei exclusivamente com o público infantil, a partir da literatura do Sítio do Pica Pau Amarelo. Sempre gostei muito de criança, então trabalhei por bastante tempo com recreação infantil, até meados da minha graduação em Teatro, em São João del-Rei. Na graduação, também cursei disciplinas de jogos infantis. Portanto, embora não trabalhe com esse público com frequência atualmente, tenho certo conhecimento na área.

8) **Pergunta**: Qual é a diferença entre escrever uma peça para o público adulto e para o público infantil?

Resposta: Eu acredito que o público infantil seja mais exigente. Eles precisam ser convocados o tempo todo e, se em algum momento eu escorregar, eles percebem imediatamente. As crianças são atentas a todos os detalhes, então tudo precisa ser muito coerente, mesmo que não seja um texto linear. Já os adultos entram no jogo a partir do momento que chegam no teatro, tem um código estabelecido entre público e plateia. Com as crianças não podemos vacilar.

9) **Pergunta:** Para você, qual é o papel do Teatro na construção de uma visão que contemple a valorização da diversidade, o combate ao racismo e a representatividade negra?

Resposta: O teatro tem um papel extremamente importante, pois é um dos responsáveis pela construção de imagens e pela produção de subjetividade no mundo. Na Grécia, séculos antes da invenção da televisão e do cinema, o teatro era fundamental para ensinar modos de vida à população, que na época não era alfabetizada. Nos dias atuais, ele influencia um número menor de pessoas por conta da tecnologia, mas, ainda assim, permanece como um dispositivo muito importante para formação. Dessa forma, aliá-lo ao combate ao racismo é um

ganho inenarrável.

10) **Pergunta:** Para finalizar, Os Cachinhos de Aduke, foi apresentado pela primeira vez na 9° Mostra de Dramaturgia em Pequenos Formatos Cênicos, no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) entre os dias 9 e 19 de novembro de 2023. Há previsão de que a peça seja apresentada novamente, inclusive em outras partes do Brasil?

Resposta: Ainda não temos previsão, mas o trabalho terá continuidade pelo grupo belorizontino Teatro Negro e Atitude, que está com o espetáculo montado desde a apresentação no Centro Cultural de São Paulo. Também tenho o desejo de realizar uma exposição infantil com desenhos dos personagens da peça, mas isso é outra história.

3. REFERÊNCIAS

EMICIDA. Entrevista concedida ao programa Roda Viva. 27 jul. de 2020. Vídeo (1h36min). YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4. Acesso em: Jan. de 2024.

SILVA, Vitalina**. 'Antirracismo é atitude'**: como praticar com as crianças? 23 de novembro de 2023. Entrevista realizada por Célia Fernanda Lima ao portal Lunetas, disponível em: https://lunetas.com.br/o-que-fazer-para-acabar-com-a-hierarquia-racial-entre-as-criancas/. Acesso em: jan. de 2023

@revistaeai

revistaeducacaoarteinclusao@gmail.com

(48) 3321-8314

revista eai educação, artes & inclusão